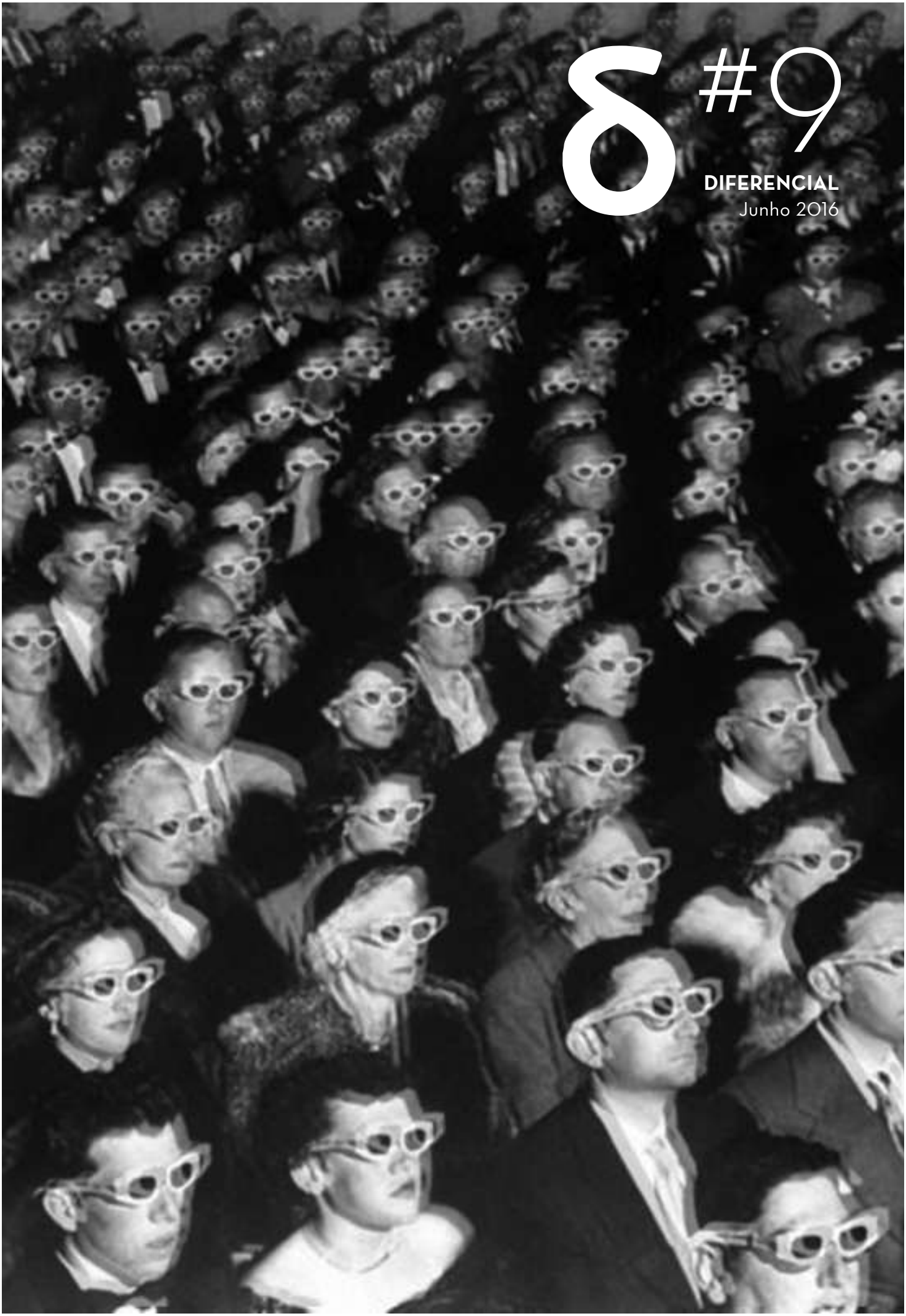


δ #9

DIFERENCIAL

Junho 2016

#9

Em 2006 foi criado no MIT um departamento somente responsável por investigar Inteligência Coletiva, que nos interessa indiretamente em artigos como Tor: o Canto Escuro da Internet ou Democracia na Ponta dos Dedos. Ambos demonstram, em sentido oposto, o problema do que pensamos sobre o quanto expomos as nossas opiniões e atividades, e também de como estas se tornam recorrentemente foco de análises.

Nesta edição podemos pensar em como mesmo a informação que é partilhada de forma casual contribui para moldar a consciência social de cada um, e, paralelamente, a evolução do sentido da consciência social.

Se considerarmos que tudo o que é exposto, e faz parte de informação pública, contribui para um género de banda coletiva de atenção, podemos, então, perguntar-nos sobre como estas possibilidades, a de ter um sistema democrático online, com representatividade mais discriminada, e uma rede de internet sem rastreamento, alterarão o sentido do foco do que pensamos como grupo, ou mudarão as nossas capacidades de atenção e decisão coletivas. É esta correlação que é objeto de estudo do referido departamento, e é com consciência dela que aconselhamos as leituras propostas pelo Diferencial. Na mesma ordem de ideias e consciência, poder-se-ia também ler comentários e partilhas de opiniões no grupo de facebook do Técnico, para 13 293 alunos - se ninguém no Técnico pensar sobre a falta de moderação naquelas discussões, quem pensará?

Se considerarmos a educação não formal podemos ainda incluir, noutra parte desta edição, vários casos em Portugal de coletivos que decidiram experimentar modos de vida alternativos e que nos permitem tomar conhecimento prático gratuito sobre a sua sustentabilidade.

Sendo esta a última edição do Diferencial este ano lectivo, e em Junho, final do semestre, triplicámos as reviews e propostas de planos culturais, festivais de verão e cinema, incluindo, uma crítica a Lemonade, o último trabalho da artista Beyonce.

Por último, deixamos o nosso agradecimento ao Conselho de Gestão por nos ter ajudado durante o corrente semestre com o financiamento e impressão do Diferencial.

_ João Santos

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO_
Inês Mataloto, João Santos e Miguel Duarte

REDAÇÃO_
Afonso Anjos, André Miguel, António Silva, Beatriz Silveira, Bruno Pousinho, Catarina Feijão, Gil Gonçalves, Guilherme Raposo, Inês Mataloto, João Braz, João Santos, José Pedro Lopes, Maria Sbrancia, Mariza MB, Miguel Duarte, Nuno Mota, Rafael Rodrigues, Rita Feijão e Sofia Dias

REVISÃO_
Guilherme Raposo, Nuno Mota e Rita Feijão

GRAFISMO E EDIÇÃO GRÁFICA_
Raquel Serra e Rita Gaspar

GESTÃO DE PLATAFORMAS ONLINE_
António Silva e Maria Sbrancia

GESTÃO DE ESPAÇOS DE PUBLICIDADE_
Guilherme Raposo, Inês Matoloto e José Pedro Lopes

diferencial.tecnico.pt

* O Jornal Diferencial é escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, mas, conforme a escolha de cada redator, os artigos que não seguirem essa regra serão assinalados com um asterisco no final.

TOR: O CANTO ESCURO DA INTERNET

"The true test of a man's character is what he does when no one is watching." – John Wooden

E se todos pudéssemos passar completamente despercebidos na Internet, o que mudaria? Esta pergunta foi respondida em 2002 com o lançamento do projecto Tor.

Construído com o objectivo de garantir anonimidade nas comunicações através da Internet, o Tor é provavelmente um dos mais controversos desenvolvimentos da última década. O anonimato torna possível a emergência de um conjunto de serviços e actividades que denunciam o melhor e o pior da humanidade. Estes serviços formam a chamada "DarkNet".

Origens
Em meados dos anos 90, os Estados Unidos deram início a um novo projecto tecnológico. O objectivo era proteger comunicações secretas do Estado, criando uma rede de computadores através da qual duas pessoas pudessem comunicar sem anunciar essa comunicação.
Conseguir ser anónimo na Internet não é uma tarefa fácil. A Internet é baseada num conjunto de protocolos chamados TCP/IP que definem que todo o tráfego está identificado com origem e destino. Ao fim de alguns anos de investigação, em 2002, foi lançada a primeira versão funcional. Hoje em dia, o projecto continua a ser activamente desenvolvido por uma outra organização - The Tor Project.

Quem usa?
Segundo um estudo feito em 2015, o Tor tem sido usado para uma variedade surpreendente de fins. Em países onde a Internet é monitorizada e censurada, o Tor é a ferramenta de eleição de opositores do Governo. O uso do Tor por activistas é também muito comum. Existem, por exemplo, linhas de denúncia anónima usadas para expor condições ilegais de trabalho em fábricas que exploram os trabalhadores.

O Facebook optou por lançar o seu próprio serviço no Tor, permitindo assim que qualquer pessoa aceda ao site, mesmo que este esteja bloqueado no seu país.

E claro, o anonimato atrai também a atenção daqueles que querem evitar a Lei. De acordo com o estudo, mais de 15% do tráfego nesta rede estava relacionado com tráfico de droga e 9% relacionado outro tipo de actividades ilegais (lavagem de dinheiro, tipos ilegais de pornografia, etc..).

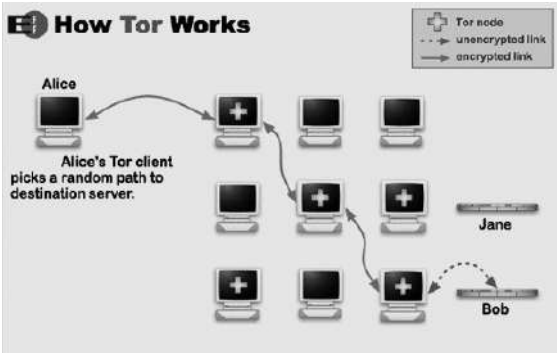
A restante parte do tráfego está repartida entre inúmeros outros serviços (serviços de email anónimos, motores de busca incensuráveis, serviços de distribuição de conteúdos, etc...).

Como funciona?
O funcionamento do Tor não é simples, mas baseia-se em conceitos relativamente fáceis de compreender. No protocolo mais usado para as comunicações na Internet, o protocolo IP, todo o tráfego tem a indicação de quem é o remetente e destinatário. A informação que o tráfego transporta está normalmente encriptada para prevenir espionagem, mas, mesmo assim, alguém que observe a rede pode ver que duas entidades estão a comunicar entre elas. O Tor permite esconder esta informação.

Quando duas máquinas na rede Tor querem comunicar, estabelecem um circuito virtual entre elas. O circuito passa por várias outras máquinas na rede, tendo como início e fim as duas máquinas que querem comunicar. Cada máquina só sabe o endereço de IP da máquina que a precede e da que a antecede. Tipicamente, este circuito virtual envolve 5 máquinas (o remetente, 3 máquinas da rede interna e o destinatário). Quando a informação é enviada pelo remetente, está protegida por 3 camadas de encriptação. Cada uma das máquinas da rede que recebe a informação retira uma das camadas (que só ela mesma sabe como tirar) e envia a informação para a máquina seguinte.

Após percorrer todo o circuito, todas as camadas de encriptação desaparecem, chegando esta ao destino desencriptada. Entre a última máquina da rede e o destinatário, a informação não está protegida pelo Tor. Em vez disso, está tipicamente protegida por um outro protocolo (tipicamente HTTPS). Ou seja, alguém que observe as comunicações apenas consegue ver que o remetente está a comunicar com a rede Tor, não conseguindo decifrar a informação ou o destinatário da mesma.

Como experimentar?
Usar o Tor é grátis e legal.
Download em www.torproject.org.



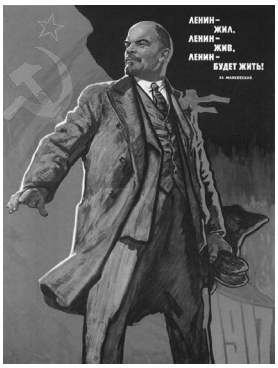
_ Miguel Rodrigues dos Santos

SOCIALISMOS (SEGUNDA PARTE)

Do idealismo à implementação.

Os movimentos socialistas 'revolucionário' e 'evolucionário' tornaram-se bastante influentes no final do séc. XIX e início do séc.XX, tentando, até, chegar ao poder por toda a Europa. Na Alemanha, o partido socialista SPD foi o mais votado entre 1890-1912. Após o caos da primeira guerra mundial, o partido socialista russo (Bolchevique) tentou chegar ao poder através de eleições. A Rússia, após perder a guerra, viu o seu sistema capitalista bastante fragilizado. Lenine, que na altura se encontrava exilado na Suíça por ter incentivado a classe trabalhadora do sector primário da Rússia a não participar na guerra, vê a oportunidade de tomar o estado de forma revolucionária.

Apesar de movimentos socialistas terem aparecido por todo o mundo, a Rússia foi um caso único onde se deu uma revolução socialista após a 1ª guerra mundial. Muitos desses movimentos acreditavam que para obter a mesma vitória seriam necessários os mesmos meios revolucionários. Os restantes descartaram esta opção, pois eram da opinião que a Rússia tinha tido circunstâncias muito particulares que levaram a que essa revolução tivesse sucesso e, como tal, continuaram a optar pela via política/democrata. Por esta diferença fundamental de como proceder, os apoiantes da via revolucionária saíram dos partidos socialistas e formaram um novo partido, com um novo nome, partido comunista. É aqui neste período, depois de 1920, que aparecem os primeiros partidos comunistas. Esta divisão comunista-socialista não é sobre a mudança de uma sociedade capitalista para uma socialista, mas sim de como se apoderar do estado para poder fazer a transição, evolucionária ou revolucionária.



Durante o período de 1917-1930, a União Soviética, a única sociedade em transformação socialista no mundo, recuperou da 1ª guerra mundial a custo de um enorme sacrifício da classe trabalhadora, mas um problema persistiu: a organização da área de trabalho manteve-se inalterada. O governo apreendeu a economia, mas não a transformou. Segundo Lenine, o sistema económico em que a Rússia se encontrava era Capitalismo do Estado. Ao substituir todas as corporações privadas, fechar a bolsa de valores e nomear os oficiais que iriam dirigir os meios de produção, fez com que o Estado se tornasse 'O Capitalista'. Lenine acreditava que este era um passo necessário para posteriormente fazer a transformação do sistema económico. No entanto, após a sua morte, Estaline subiu ao poder e, ainda sem fazer a transformação da área de trabalho, declarou em 1931 que a União Soviética era finalmente uma sociedade socialista.

Um novo conceito de socialismo apareceu então. Em vez de o Estado sob controlo ser o meio pelo qual seria possível a transição, controlar o Estado tornou-se o objectivo da transição. No entanto, as relações entre o governo, à frente da indústria, e a classe trabalhadora não eram muito diferente das relações entre os indivíduos privados, que ocupavam previamente essas posições, com a classe trabalhadora. Esta nova interpretação tornou-se de tal modo importante, que ainda hoje é normal associar a ideia socialista ao governo controlar a indústria.

Atualmente, os franceses acreditam que um governo socialista, é aquele que regula intensamente o sector económico e que tem na sua posse empresas que vê como essenciais para o funcionamento e prestação de serviços no seu país. A questão torna-se quanto é que o governo deve intervir. Nos Estados Unidos, 2500 cidades produzem a sua própria eletricidade como empresa pública. Durante o último século, as centrais elétricas produzem eletricidade que é posteriormente vendida aos cidadãos. As centrais/empresas remetem os lucros desta transação para o governo da cidade. Este, por sua vez, consegue taxar menos rendimentos dos seus cidadãos, por ter lucros suficientes da empresa. Isto é capitalismo do Estado; o Estado é o investidor, é o empregador, é o coletor dos lucros e é o responsável por determinar o que é feito com os lucros. O Estado é o Capitalista. *

_ Bruno Pousinho

AUTO-SUFICIÊNCIA E VIDA EM COMUNIDADE

Um olhar sobre modos de vida alternativos.

De acordo com o *The Guardian*, a partir de Outubro do ano passado, mais de metade da riqueza mundial figura nas mãos de 1% da população. Num outro artigo da mesma agência noticiosa revela-se que a emissão de gases com efeito de estufa atingiu, em 2014, o valor mais alto dos trinta anos precedentes. Nesse ano, o *Global Terrorism Index* observou que o número de fatalidades decorrentes de ataques terroristas havia quintuplicado desde 2011.

É das perspectivas de grandes males que aparecem, por excelência, as soluções mais radicais. É em resposta a factores como as crescentes desigualdades sociais, o aumento dos níveis de poluição atmosférica e o despoletar de contendas humanas que brotam modos de vida com o objectivo da auto-suficiência.

No seio da aldeia global, tudo o que compramos tem um preço e um custo humano. Esta dicotomia tem a seguinte particularidade: face a uma redução do preço, o custo tende a subir. Nos dias que correm podemos adquirir roupa manufacturada no Bangladesh, petróleo extraído no Médio Oriente e telemóveis montados na Indonésia por preços reduzidos, sem nunca sermos inteirados das consequências humanas de tais aquisições. É para contrariar estas tendências do consumismo desenfreado que nasce a ideia de produção local, como forma de garantir a legitimidade da proveniência.

Em 1995, Tamera foi fundada no Alentejo, autodefinida como "um projecto de investigação para a paz, que tem por meta criar um modelo, para a sociedade futura, que se encontre livre de ódio, mentira, violência e medo". Tamera é constituída por cerca de 170 habitantes que se dedicam a inúmeras actividades, entre elas a construção de máquinas de aproveitamento de energias renováveis. Com o princípio da localidade em mente, esta construção é feita utilizando materiais e métodos descentralizados, ou seja, que possam ser encontrados e empregues em qualquer lugar do mundo onde a tecnologia seja precisa. Os resultados de toda a investigação feita nesta comunidade são postos ao dispor de todo aquele que deles queira beneficiar.

Uma ideia significativamente mais recente resultou, em 2012, na criação da Ecoaldeia Janas perto da Serra de Sintra, uma outra povoação que sustenta objectivos de auto-suficiência, ostentando de forma definitiva o propósito do ensino. De facto, este projecto aberto a visitantes pretende ser um "centro de educação não formal, onde a sustentabilidade e a resiliência sejam conceitos basilares". Os aldeões organizam regularmente sessões de formação relacionadas com temas geralmente ligados à natureza, como construção natural, compostagem e agricultura.

Digno de nota é também o filme de Pedro Serra, Que Estranha Forma de Vida, lançado no ano passado, em que se visitam três comunidades auto-suficientes na Península Ibérica, entre as quais Tamera e Cabrum, uma aldeia abandonada e recentemente repovoada por um grupo de pessoas que partilham fortes preferências em termos de como viver. O documentário mostra várias entrevistas aos habitantes de Cabrum, que descrevem a iniciativa mais como uma escolha de um modo de vida ligada à natureza e menos como uma missão, componente determinante dos dois outros projectos.

Nota de opinião: Desde que nascemos até que nos munimos da capacidade de criticar as construções humanas que nos rodeiam, passamos muitos anos a absorver informação que corre o risco de se tornar dogma. É um facto que o sistema político e económico de que usufruímos é, para a maioria de nós, o único que alguma vez experimentámos e, como tal, acolhê-lo trata-se da escolha segura.

Mas quer se concorde com os princípios que regem este sistema quer não, são evidentes as falhas de justiça, igualdade e sustentabilidade que este tolera, e é neste contexto que comunidades como estas revelam maior importância. Servem estas, não para nos indicar como viver, mas para mostrar aos demais que há outras formas viáveis de o fazer. Assim sendo, louvados sejam os audaciosos dissidentes! *

_ Miguel Duarte

A DEMOCRACIA NA PONTA DOS DEDOS

Existem cada vez menos barreiras a separar-nos, mas a verdade é que já não somos capazes de conceber uma vida sem os mecanismos que nos ligam. Comunicar nunca foi tão fácil, e participar e intervir está ao alcance dum clique.

A rede que nos mantém ligados chama-se internet. Se, por um lado, a internet foi capaz de encurtar distâncias como nenhum outro invento desde o telefone, por outro, a ascensão das redes sociais, nos primeiros anos do presente século, trouxe, a uma larga franja da sociedade, os meios e as ferramentas necessárias para intervir e se fazer ouvir.

Churchill dizia, "A democracia é a pior forma de governo, à exceção de todas as outras que já foram tentadas". A verdade é que muitos defeitos podemos apontar à democracia, nomeadamente a pouca eficiência com que, muitas vezes, responde à problemática para a qual foi criada para resolver – a representatividade. Será o voto mecanismo suficiente para refletir a posição de cada indivíduo na sociedade? Ou os partidos, a que este se destina, ecos sinceros dos vários pensamentos e apenas comprometidos com esses mesmos pensamentos e ideias? Não há respostas cabais a estas perguntas, mas o facto de nos sentirmos tentados a formula-las mostra, já por si, as fragilidades deste sistema que, apesar delas, continua a ser o melhor que existe.

No entanto, uma sociedade em que todos têm oportunidade de dar a sua opinião e, inclusive, influenciar ativamente a tomada de decisões significa, com efeito, uma consolidação das bases da democracia. Isto só é possível graças à universalização do acesso à internet que, face à inexistência de um controlo centralizado e associado às inúmeras possibilidades comunicativas que traz, assume um papel preponderante na afirmação deste novo paradigma participativo.

E-DEMOCRACY: UMA MANIFESTAÇÃO DOS TEMPOS MODERNOS

Este fenómeno, cunhado pelos estudiosos de *e-democracy*, representa mais do que a natureza virtual que o seu prefixo dá a entender, é também a entrada em rede do conceito de democracia. E a verdade é que esta facilidade em emitir opiniões e tomar uma posição nas mudanças da sociedade parece ser uma tendência global. Em muitos casos, estabelece-se uma relação simbiótica entre estas plataformas e o cidadão que as utiliza, que, como mostra a experiência, não deve ser contrariada. São inúmeros os exemplos em que esta relação foi decisiva na mudança de políticas, e até na queda de regimes.

Primavera Árabe

Na Primavera de há cinco anos, vários manifestos pró-democracia foram divulgados na internet, congregando a opinião de muitos descontentes com os regimes vigentes em vários países do Norte de África e Médio Oriente. De início, apenas os movimentos pró-democracia tinham uma dimensão online, mas, mais tarde, os próprios regimes criaram forma de fazer uma propaganda contra-democracia, que acabou por atenuar a convulsão em muitos países.

Em Janeiro de 2011, no Egito, um grupo de ativistas pró-democracia cria uma página de facebook onde incita à rebelião e à união de todos os indignados com o regime de Hosni Mubarak. Em poucos dias, a página obtém a atenção de milhares de egípcios. Quando o regime decide cortar o acesso livre à internet, Google e Twitter unem-se e criam uma rede alternativa que possibilita a continuação do processo revolucionário. Como resultado, o regime cai ao fim de 18 dias, e o 'reinado' de 30 anos de Mubarak cai com ele. Graças à internet e às redes sociais, os egípcios puderam acompanhar e contribuir ativamente na democratização do seu país.

Movimento 15-M

O Movimento 15-M, ou dos Indignados, é um movimento espanhol que surgiu a partir do Twitter e Facebook, em 2011, que congrega cidadãos espanhóis que sofreram na pele o desemprego, a precariedade e o corte de salários que a crise económica trouxe. Criticam não só as condições de trabalho no país, mas também o bipartidarismo no parlamento espanhol e a interferência de grupos económicos em órgãos decisivos. Alegam não se verem representados por nenhum partido político constituído e reivindicam o estabelecimento duma democracia direta, com representatividade plena.

Tendo conseguido alcançar, em estimativa, cerca de 8 milhões de espanhóis, maioritariamente através das redes sociais, uma das consequências mais palpáveis da dimensão deste movimento é, porventura, a ascensão do partido de esquerda 'Podemos', que nas últimas legislativas se aproximou em percentagem de votos do Partido Socialista Operário Espanhol, PSOE, rompendo assim um bipartidarismo histórico.

Na senda das reivindicações do 15-M, outros grupos com a mesma génese surgiram noutros países afetados pela crise económica, como a Grécia ou a Islândia. Nomeadamente, em Portugal, embora de menor dimensão, surgiu, também, um movimento de Indignados e a manifestação Geração à Rasca, que levou à rua milhares de descontentes – numa daquelas que foi a manifestação apartidária com mais afluência desde o 25 de Abril de 1974.

E-DEMOCRACY VS E-GOVERNANCE

Sensíveis à importância que o fenómeno da *e-democracy* tem vindo a assumir, e das potencialidades do mesmo, vários governos têm tomado medidas no sentido de tirar daí o máximo proveito. Surge, assim, o conceito de *e-governance*. Embora, em muitos casos, ainda germinal, este projeto pretende trazer o governo dos países para mais perto dos cidadãos, inquiri-los diretamente sobre as questões que mais lhes interessam e, ao mesmo tempo, aumentar a transparência das instâncias e medidas governativas.

Consciente da vontade de muitos cidadãos participarem ativamente no processo de tomada de decisão, Inglaterra, país de Churchill, criou a Comissão da Democracia Digital, com o objetivo de perceber quais eram as barreiras que afastavam os cidadãos da política e aquilo que devia ser feito para minorar esse afastamento. De conversações com inúmeros setores da sociedade inglesa e a partir de testemunhos escritos e de milhares de *tweets*, resultou o *Digital Democracy Report*[1]. De entre várias constatações e recomendações, conclui:

_ Até 2020, todos os ingleses devem perceber o que faz a Casa dos Comuns;

_ Até 2020, o parlamento deve ser inteiramente digital e interativo;

_ A mais recente eleita Casa dos Comuns deve criar um fórum de participação pública, para as sessões de debate da Casa dos Comuns;

_ Até 2020, o voto online seguro deve ser uma opção válida para todos os votantes;

_ Até 2016, toda a informação publicada e filmagens emitidas pelo Parlamento devem ser livremente disponibilizadas online em formatos passíveis de serem reutilizadas.

Churchill tinha as suas reticências em relação à democracia, "O melhor argumento contra a democracia é uma conversa de 5 minutos com o eleitor médio", chegou mesmo a dizer. Hoje e cada vez mais, as palavras de Churchill são vistas noutro paradigma: o eleitor médio já não faz sentido, pois todos os eleitores podem ser parte ativa na tomada de decisão, e as conversas de 5 minutos deixam de ser conversas, passando a ser relações de mutualismo perpetuadas no tempo em que o interesse é recíproco.

[1] www.digitaldemocracy.parliament.uk/chapter/summary

_ Afonso Anjos

BATMAN V SUPERMAN: DAWN OF JUSTICE

Crítica ao mais recente esforço da DC Comics.

Batman v Superman: Dawn of Justice (BvS) é o mais recente esforço da Warner Bros. em tentar lançar um universo cinemático que compita com o da Marvel. O filme tira partido do embate entre estes dois heróis e com isso tenta estabelecer um universo baseado no dos heróis da DC Comics.

BvS começa com a sequência da morte dos pais de Bruce Wayne, definindo-a como algo que o marcou para o resto da vida, uma cena que já se torna um cliché desta personagem. De seguida, parte para o rescaldo dos confrontos do filme Man of Steel, desta vez sob o ponto de vista de Bruce, que, ao chegar a Metrópolis, se depara com um cenário reminiscente do 11 de Setembro. No meio do caos vê cidadãos a morrerem, incluindo a mãe de uma rapariga pequena, aludindo à tragédia que também o afectou. Assim nasce a sua raiva contra o semi-deus e, ao mesmo tempo, um complexo de inferioridade, ao tomar consciência de que nada pode fazer face a estas ameaças super-humanas.

De seguida são introduzidas mais personagens, Lois Lane, Lex Luthor e Wonder Woman, todas estas com um tempo de tela considerável e, com excepção da Lois Lane, todas são introduzidas pela primeira vez. Desta forma, o enredo torna-se disperso, com demasiadas histórias secundárias a sobreporem-se, fazendo com que algumas sequências fiquem confusas, tudo para garantir esse tempo de tela.

Quanto às personagens principais temos, por um lado, o Superman, literalmente a god among us, que escolhe servir os seres humanos em vez de utilizar os seus poderes para ganho pessoal. No entanto, esta versão de Superman não se trata de um símbolo de altruísmo e humildade, sendo relegado para uma personagem desligada e com pouco controlo. Um painel de BD onde se resume a faceta da personagem que penso não ter sido devidamente transmitida encontra-se em Nightwing #144: um polícia interrompe a conversa entre os dois heróis e afirma: "Oh, Hey Superman. Nightwing. My bad. Park can't get any safer having you two patrolling it now, can it?". Superman responde, então, dizendo: "You mean having the three of us patrolling it.". No outro lado, temos Batman, que vive eternamente preso no pesadelo da morte dos pais. Protege os cidadãos de Gotham preferindo as sombras e nunca procurando ser um ídolo. Este Batman, ao contrário do da banda desenhada, que se recusa a aceitar que os criminosos são um caso perdido, é bastante mais violento, marca-os a ferro e é indiferente a acidentes colaterais. Esta conduta, que talvez esteja relacionada com a possível morte do seu sidekick Robin, leva Superman a exigir-lhe que deixe de ser um vigilante, agravando ainda mais o conflito entre eles.

Resta-nos Lex Luthor. Penso que é nesta personagem que se divide a opinião sobre o filme. Este, na banda desenhada, é o inimigo do Superman, precisamente porque o vê como uma ameaça ao ser humano. Luthor não se vê a si próprio como um vilão, mas apenas como alguém capaz de fazer os sacrifícios necessários para eliminar o Man of Steel. Jesse Eisenberg retrata Lex como um milionário psicótico, que embora tenha a mesma motivação que nas BDs, esta é menos explícita durante o filme. Esta decisão por parte dos argumentistas enfraquece um pouco a personagem, chegando a existir momentos em que a sua motivação é questionável. Além disso, Eisenberg retrata um Luthor mais excêntrico que o habitual, tornando inevitável a sua comparação ao Joker de Heath Ledger. Contudo, achei que consegue ter momentos memoráveis na história.

Nota-se que a DC continua assombrada pelo fantasma de Christopher Nolan, mantendo a aposta em cores escuras e num enredo bastante mais sério que qualquer filme da Marvel. Mesmo achando que os últimos 20 minutos foram demasiado apressados, tanto no confronto com Doomsday como na demasiado rápida redenção de Batman, há que enaltecer a maneira como o sacrifício final de Superman influenciou uma mudança no *modus operandi* de Batman.

Longe de ser perfeito, BvS tem pontos bastante fortes e acaba por ser uma agradável surpresa.

Nota: 7/10. *

_ José Carvalho

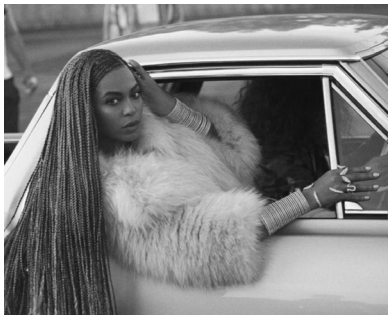
LEMONADE BY BEYONCÉ

Uma ode à dor, sofrimento e aceitação. Uma ode à esperança, ao perdão a ao amor.

O mundo aguardava ansiosamente que o relógio atingisse as 21h30. Momentaneamente, começou. Este álbum visual, intitulado "Lemonade", é, sem dúvida, o trabalho mais pessoal e cru da sua autoria. A traição por parte de Jay-Z é o tema principal, e a autora tem muito para explicar. Beyoncé expõe a sua vida de uma forma nunca antes vista e, devido isso, o sentimento transpassa para o ouvinte.

O álbum começa com um apelo. É interessante que este apelo não se aplique apenas a uma entidade transversal ao longo do álbum, mas também ao ouvinte. O eco de vozes e a suavidade da sua criam um espaço enigmático e quimérico onde Beyoncé exterioriza a sua alma. "Hold Up", a segunda faixa do álbum, altera drasticamente o ambiente previamente criado. É uma música desprovida de gravidade, mas não de conteúdo. Carregada de sátira, a música dilucida o processo de descoberta de uma traição. "What's worse, looking jealous or crazy?", questiona-se, rematando as opções limitadas que uma mulher tem. "I'd rather be crazy", conclui, frustrada. A parceria com Jack White, co-proprietário com o marido de Beyoncé do serviço Tidal, é sem dúvida o "fuck off" do álbum. É um hino à revolta total, ao desprendimento do passado, ao ódio inerente ao adultério. É rock, e basta. As duas músicas que se seguem abrem alas para um trabalho novo e emocionante a nível musical para a cantora. Perpetuando os sentimentos de dor e despreocupação, introduzem a noção de *empowerment* muito característica de Beyoncé. Ela é única, ela é soberana, e não precisa de ninguém *to rule the world*. "Daddy Lessons" é das minhas favoritas. É díspar e introduz o ouvinte a uma nova realidade: motas, *blackjack*, whiskey e vinil. Aborda temas como os direitos da mulher, o papel desta na cultura afro-americana e o direito à arma protegido pela segunda emenda da constituição americana, fazendo uso do género *country* para nos levar com ela até ao sul de Texas.

Chegamos assim a um momento singular no álbum. Enquanto que a primeira parte incidia na angústia intrínseca da deslealdade, a segunda foca-se na remissão legítima quando se ama alguém. Pela primeira vez, sentimos que Beyoncé é humana. Ela sente como nós, dói como nós, conforma-se como nós, e "Love Drought" incorpora a sua humanização. "Sandcastles" é uma balada aprazível que, em Beyoncé, é sinónimo de intensidade vocal e emocional. "Forward" é tão direto como o nome. "Freedom" é tão diverso como o título. A colaboração com Kendrick Lamar traduz-se em algo que merece o estatuto de *single*. É um dos melhores trabalhos de Beyoncé e fornece-nos a razão do álbum se intitular assim. Pelas palavras de Hattie White, "I had my ups and downs, but I always find the inner strength to cool myself off. I was served lemons, but I made Lemonade". "All Night" introduz algum desfecho para a substancial viagem que fizemos com Beyoncé ao longo deste álbum – "true love never had to hide". Finaliza assim com "Formation", o *single* lançado previamente ao álbum e apresentado no Super Bowl.



Este sexto álbum marca uma nova era no panorama discográfico desta artista que, pela primeira vez desde MJ, teve a capacidade de amadurecer a sua arte de forma incessante e veemente. Aconselho vivamente a todos os que gostam ou desgostam do trabalho prévio desenvolvido por Beyoncé. Este álbum é singular no espectro contemporâneo de música imprescindível. *

_ Rafael Rodrigues

FESTIVAIS DE VERÃO EM 2016

Um ano que promete ficar na história da música em Portugal.

Ao longo dos últimos anos, Portugal tem vindo a afirmar-se cada vez mais como um dos principais vértices da rota de festivais de verão europeus. Se antes o bom clima e as praias portuguesas constituíam o melhor motivo para complementar uma vinda a um festival de música no nosso país, hoje já podemos constatar que a qualidade dos cartazes é motivo mais que suficiente para que o público estrangeiro escolha Portugal como destino. 2016 afigura-se como um ano repleto de espectáculos de grande qualidade, marcado por uma oferta que cobre desde música pop a alternativa.

Como não podia deixar de ser, o NOS Alive, que irá decorrer nos dias 7, 8 e 9 de Julho em Oeiras, é o festival que apresenta o cartaz mais diverso. Se por um lado temos nomes que nos transportam de volta àquilo que os anos 90 de melhor ofereceram, como Radiohead e Pixies, por outro somos presenteados com valores que só nasceram no novo milénio, casos de Arcade Fire e Tame Impala. A cena alternativa é claramente a direcção para a qual a organização do festival nos quer apontar, mas num cartaz onde ainda sobram Father John Misty, revivalista do *folk rock*, The Chemical Brothers, outrora uma referência da música electrónica, ou Robert Plant, lenda viva do *rock'n'roll*, há claramente um vasto leque de opções que não passam somente pelo palco principal. Aliás, é essa a qualidade definitiva deste NOS Alive, já que os palcos secundários são capazes de oferecer tanta ou mais qualidade que os cabeças de cartaz.

Numa tentativa de também tentar contrastar velhos ícones com novas referências, surge o Super Bock Super Rock, a repetir presença no MEO Arena pelo segundo ano consecutivo, nos dias 14, 15 e 16 de Julho. Iggy Pop foi uma agradável surpresa no alinhamento deste festival, em grande parte por causa da sua recente e inesperada colaboração com Josh Homme, líder incontornável dos Queens of the Stone Age. *Post Pop Depression* é o culminar dessa colaboração, um álbum que mistura o *desert rock* tão característico de Homme e o *art rock* que Iggy ajudou a definir nos anos 70. O resultado é um conjunto de canções memoráveis que irão com certeza ganhar uma nova dimensão ao serem interpretadas ao vivo, não fosse Iggy conhecido por todos aqueles maneirismos e malabarismos que o definiram ao longo da sua carreira. De regresso está também Kendrick Lamar, rapper oriundo de Compton que tem vindo a construir uma discografia de clássicos modernos. São três os álbuns de estúdio que Lamar lançou, com o seu último *To Pimp a Butterfly* a merecer inúmeros destaques no ano transacto por parte de várias publicações da especialidade. Marcado por um estilo que desmascara o hip-hop tradicional, fugindo de alusões a ostentação, fama e mulheres, Kendrick apresenta-se como um rapper com consciência social e política, focando-se em temas como o racismo, desigualdade e as dificuldades em crescer em bairros sociais. Certamente um dos artistas mais aguardados em Portugal neste ano.

O terceiro destaque vai para o Vagos Open Air, a decorrer durante os dias 5 e 6 de Agosto. O festival é este ano denominado simplesmente como VOA, dado que tem agora a Quinta da Marialva, Corroios, como casa em vez da cidade de Vagos. Os Anthrax, uma das mais emblemáticas bandas de *thrash metal* dos anos 80, pisam solo português pela primeira vez desde 1990, ano em que ficaram encarregues da abertura de um concerto de Iron Maiden no Emblemático de Cascais. Consigo trazem *For All Kings*, o seu novo disco que mais serve para assinalar que a banda está viva do que propriamente para agitar o paradigma do metal. Sem dúvida que já não estamos perante a força criativa dos tempos de *Among The Living*, mas todos os clássicos que esta banda produziu ao longo da sua carreira são razão mais que suficiente para esperar que este concerto seja memorável. ∗

_ João Rosa

HAPPN

A mais recente adição à família das dating apps.

É caso para dizer que o *Tinder* deu à luz. A sua prole é muito mais eficaz – uma vez criado o perfil, recorre à localização por GPS do *smartphone* do utilizador para, num raio de 500m, fornecer ao primeiro um conjunto de perfis de indivíduos com interesses semelhantes, com os quais se terá cruzado. Porém, esta aparente subtil inovação de outras aplicações do género não se cinge ao mero acaso – o *Happn*, surgido em 2015 e estreado em solo francês, informa o utilizador sobre o número de ocasiões em que este terá cruzado caminhos com potenciais interesses românticos, notifica-o perante novos "acasos" e termina discriminando geograficamente onde terão acontecido. Escusado será referir que, à semelhança de qualquer *dating app* que se preze, fornece as informações da praxe – foto, nome, idade e profissão.

Recorrendo novamente a analogias, os mais conservadores entre os simpatizantes do *online dating* poderiam pensar que se o consagrado Tinder fosse um banco de renome, o *Happn* seria uma sucursal no *Stalker District*, já que quem namora à antiga não faz uso de tais modernices. Pelo contrário, crê, ainda, do fundo do seu ser, no amor "à primeira vista", naquele momento em que se sabe que se encontrou o(a) tal. Pois o Happn vem, numa perspetiva talvez efabulada, impedir que tais "amores" se tornem completamente obsoletos nos dias que correm, nem que seja por meio de uma notificação no ecrã do telemóvel de um certo Romeu a informá-lo que o seu destino se terá novamente entrelaçado com o da sua, quiçá futura, Julieta, ali no café da esquina.

As diversas funcionalidades do *Happn* integram, à semelhança do *Tinder*, a possibilidade de poder gostar de alguém secretamente, isto é, sem o dono do perfil apreciado ter conhecimento disso, a menos que seja recíproco, pelo que aqui não introduz qualquer novidade. A inovação está – neste caso, não para melhor – na implicação de um custo monetário associado ao envio de um "Charme", com o intuito de notificar quem terá despertado o interesse, como se a consequente exposição ao risco de rejeição, deixando o ego à mercê de mais um golpe, não fosse suficiente. Numa perspetiva otimista, considere-se, portanto, o "Charme" como um investimento. Deste modo, a par do usual conforto resultante do carácter virtual do mundo do *online dating*, o modesto Like torna a experiência menos constrangedora para os apanhados pela teia da timidez, e uma eventual rejeição menos dolorosa. De qualquer modo, apenas é possível iniciar uma conversa assim que o interesse for mútuo, assinalado pelo *Crush*.

Descrições e analogias à parte, aplicações como as aqui referidas são alvo das mais diversas críticas – destaca-se o facto de o foco estar no aspeto exterior e não no conteúdo, sendo portanto consideradas demasiado superficiais. Porém, poder-se-á contra-argumentar, referindo que, na eventualidade de tais amores "à primeira vista" nos baterem à porta, também se possuir, como condições fronteira, o que os olhos cobiçam no momento do encanto. Por conseguinte, o seu estatuto na sociedade moderna decorre de todo um preconceito que a estatística corrobora – que serão meios para relações casuais, puramente físicas e desprovidas de ligações emocionais, dito de um modo eloquente, ou, simplesmente, um facilitador do engate. No entanto, mesmo que vivamos na era do engate virtual e o namoro à janela descanse em paz, no passado, as relações casuais e o sexo sem compromisso pouco têm de atual, pelo que negá-lo vem dotado de uma total hipocrisia. De facto, mudam-se os tempos e as vontades, mas nem todas.

Sendo as relações sociais parte da estrutura dinâmica que é uma sociedade, estranho seria se estas não sofressem os efeitos da sua evolução. E ainda que atualmente os recursos sejam outros e possam dispor de interfaces apelativas, a procura por algo que nos satisfaça mantém-se inalterada, independentemente do seu grau de casualidade. Resta notar que os recursos se encontram disponíveis para deles dispormos, de acordo com a nossa consciência.

_ Beatriz Silveira

EVENTOS

EXPOSIÇÃO_ 9 de Abril a 2 de Julho
Chordata, de Francisca Carvalho, na Culturgest.

CINEMA_ 21 de Abril a 13 de Julho
Ciclo Grande Cinema Russo – Do Mundo à Perestroika. No Espaço Nimas.

FESTIVAL_ até 18 de Setembro
MEO OUT JAZZ 2016. Música nos jardins de Lisboa todos os sábados e domingos. Programação em www.ncs.pt/outjazz-programa.php

EXPOSIÇÃO_ 18 de Maio a 25 de Setembro
"Obras em Reserva – O Museu que Não Se Vê". Mais de 300 peças desconhecidas da grande maioria do público, no Museu de Arte Antiga.

FESTIVAL_ 25 de Maio a 11 de Junho
Alkantara Festival – 14º Festival Internacional de Artes Performativas. Mais em *www.alkantarafestival.pt*.

LITERATURA_ 26 de Maio a 13 de Junho
86ª Feira do Livro de Lisboa, no Parque Eduardo VII.

FESTIVAL_ 1 a 30 de Junho
Festas de Lisboa '16. Arraiais, marchas populares, concertos e muito mais!

MÚSICA_ 10 de Junho
Deixem o Pimba em Paz. Às 22h no Terreiro do Paço.

DANÇA_ 9, 10, 16, 17, 23 e 24 de Junho
Site Specific | No Regaço Embalas Lisboa. Às 19h no Castelo de S. Jorge.

TEATRO_ 21 a 25 de Junho
"Meu Deus, Eu Vejo". Às 21h30 na sala principal do Maria Matos Teatro Municipal.

DANÇA_ 24 e 25 de Junho
"Perto... Tanto Quanto Possível." – Direção de Joana Castro, e interpretação de Bruno Senune e Joana Castro. Às 21h30 na Rua das Gaivotas 6.

TEATRO_ 24 a 28 de Junho
Loveable de Plataforma285. No pequeno auditório da Culturgest às 21h30 (domingo às 17h).

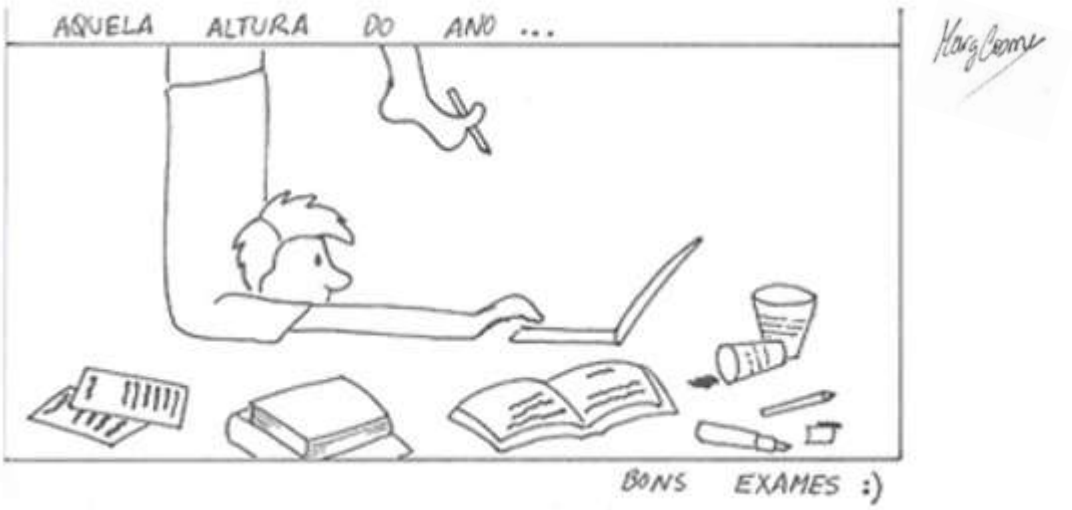
MÚSICA_ 29 de Junho
Teho Teardo & Blixa Bargeld – Nerissimo. Às 22h na sala principal do Maria Matos Teatro Municipal.

EXPOSIÇÃO_ 2 de Julho a 2 de Outubro
Belén Uriel. Na Galeria 1 da Culturgest.

ESPECTÁCULO_ 8 e 9 de Julho
Cidade Perdida 0.1 1. Um espetáculo de Mara Castilho que une dança, teatro e vídeo-Instalação, no Grande Auditório da Culturgest.

ESPECTÁCULO_ 4 a 18 de Julho
33º Festival de Almada.

MÚSICA_ 14 e 15 de Julho
Von Calhau! RE VOLTA SUBICIDA. No Grande Auditório da Culturgest.

MÚSICA_ 16 de Julho
B Fachada no Jardim das Estacas.

CARTOON